

CONHECIMENTOS ARTESANAIS TUPINAMBÁ: PRÁTICAS E SABERES EM RISCO NO LITORAL NORTE DA BAHIA

Marcos Paulo Sales¹, Sílvia Helena Zanirato²

RESUMO

O texto se refere a uma pesquisa em desenvolvimento que analisa os conflitos que envolvem comunidades tradicionais que empregam em seu artesanato bens naturais recolhidos na região que se tornou a Área de Proteção Ambiental Litoral Norte da Bahia. Os saberes e práticas associadas à natureza se expressam no artesanato, principal fonte de renda das populações referidas e os conflitos advêm de ações decorrentes do avanço da silvicultura e da urbanização nos espaços que ainda abrigam formações vegetais que fornecem as fibras para o artesanato praticado. A pesquisa emprega entrevistas, fotografias e é orientada pelas metodologias para cada tipo documental.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais, Áreas protegidas, Artesanato, conflitos, Massarandupio-BA.

Tupinambá Craft Knowledge: Practices and knowledge at risk in the North Coast of Bahia

The text refers to a research in progress that analyzes the conflicts involving traditional communities that use natural goods collected in the region that became the North Coast Environmental Protection Area of Bahia in their handicraft. Handicraft is the main source of income for the populations referred to and conflicts arise from the advancement of forestry and urbanization in spaces that still harbor plant formations that supply the fibers for handicraft practiced. The research uses interviews, photographs and is guided by the methodologies for each type of document.

Keywords: Traditional communities, Protected areas, Crafts, conflicts, Massarandupio-BA.

¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP), da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (PPGPTDS) pela Universidade Católica do Salvador (UCSal).

²Livre-Docente em Ciência Ambiental, Professora do Instituto de Energia e Ambiente e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). Brasil.

Conocimiento artesanal tupinambá: prácticas y conocimientos en riesgo en la costa norte de Bahía

El texto hace referencia a una investigación en curso que analiza los conflictos que involucran a las comunidades tradicionales que utilizan bienes naturales recolectados en la región que se convirtió en el Área de Protección Ambiental de la Costa Norte de Bahía en su artesanía. La artesanía es la principal fuente de ingresos de las poblaciones referidas y los conflictos surgen de las acciones derivadas del avance de la silvicultura y la urbanización en espacios que aún albergan formaciones vegetales que abastecen de fibras para la artesanía practicada. La investigación utiliza entrevistas, fotografías y se guía por las metodologías para cada tipo de documento.

Palabras clave: Comunidades tradicionales, Áreas protegidas, Artesanía, conflictos, Massarandupio-BA.

APRESENTAÇÃO

A pesquisa em andamento se volta para os conflitos que envolvem comunidades tradicionais que empregam em seu artesanato bens naturais recolhidos na região que se tornou a Área de Proteção Ambiental Litoral Norte da Bahia.

Criada como instrumento da Política Nacional de Meio Ambiente pelo decreto nº 1.046/1992, a Área de Proteção Ambiental (APA) do Litoral Norte do Estado da Bahia tem como premissa o ordenamento ecológico-econômico da porção litorânea de cinco municípios baianos. À época da sua criação, o instrumento previa, por exemplo, avaliar os diversos impactos que ocorreriam na localidade a partir da construção da Linha Verde (BA-099) – rodovia que interliga os estados da Bahia e Sergipe. Nesses quase 30 anos de criação da APA, mudanças substanciais ocorreram nos contextos ambientais (ecossistemas), sociais, econômicos e culturais.

De acordo com o Instituto do Meio Ambiente (INEMA, 2021), a APA possui área total de 142.000 hectares, uma faixa litorânea com 10 quilômetros de largura e 142 quilômetros de extensão ao longo da Linha Verde. A unidade de conservação abrange porções territoriais no município de Entre Rios e outros quatro municípios costeiros: Mata de São João, Esplanada, Conde e Jandaíra. A Vila de

Massarandupió, distrito do município de Entre Rios, está inserida na APA, que também se constitui numa Zona de Proteção Ambiental (ZPR).

Estes instrumentos legais buscavam (e ainda buscam), favorecer a manutenção de um cenário de conservação ambiental, nem sempre possível. As dificuldades não são recentes, mas remetem a obras estruturantes e a abertura da linha verde, que favoreceu o desenvolvimento de empreendimentos ligados ao turismo, estimulado justamente por aquilo que mais caracterizava a região: vegetação nativa densa, águas limpas, praias quase desertas e paisagens deslumbrantes.

Mesmo com o avanço da ocupação da área por empreendimentos ligados ao turismo, a região e, conseqüentemente, a Vila de Massarandupió, ainda conserva uma vegetação remanescente de Mata Atlântica: restingas, manguezais, coqueirais, dunas, lagoas, riachos, cachoeiras, além de uma fauna e flora endêmicas (TINOCO, 2019). Esse conjunto ressalta a importância da localidade para a conservação ambiental e proteção das espécies da biodiversidade em risco pela ação antrópica ou ameaçadas de extinção³, sendo considerado um *hotspot* de biodiversidade (TINOCO, 2019).

As comunidades que vivem há muito tempo em Massarandupió, manifestam uma de suas principais tradições: o artesanato, um ofício secular que tem como principal matéria-prima utilizada para a produção dos artefatos a piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*), uma palmeira endêmica da restinga, que fornece uma fibra vegetal resistente. Esse saber tem uma origem que remete aos índios Tupinambás, é carregado de ensinamentos ancestrais e transmitido por sucessivas gerações. O ofício ocupa e empodera mulheres, gera renda e reconhecimento para a localidade (SOUZA, 2011).

Compreender esse saber como tradicional encontra fundamento em Diegues et. al. (2000), para os quais os povos tradicionais correspondem

a grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a

³ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019) divulgou um relatório com dados preocupantes: dentro de algumas décadas, cerca de 1 milhão de espécies da fauna e flora correm risco de extinção, ou seja, 25% das espécies do planeta estão vulneráveis. O relatório alerta que a taxa é maior do que a média nos últimos 10 milhões de anos e evidencia a ação devastadora do homem sobre a natureza. Sem medidas eficientes para barrar esse cenário, a tendência é que haja uma aceleração no processo de extinção das espécies.

natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente (DIEGUES et. al. 2000, p. 22).

O artesanato produzido pelas artesãs de Massarandupió é resultante de um conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, transmitidos oralmente de geração em geração, que se verifica em um lugar ecológico específico, a zona de ocorrência da palmeira de piaçava, na Mata Atlântica do litoral norte da Bahia.

As práticas artesanais ali verificadas são definidas por Sales (2020) como dotadas de saberes ancestrais, onde estão associados elementos primordiais como a importância de bens simbólicos para o reconhecimento da comunidade, a oralidade e o diálogo permanentes entre a tradição e a mudança.

Estas mulheres-artesãs, que representam uma forma de resistência ao mundo globalizado e ao conceito de desenvolvimento baseado na economia, são protagonistas do patrimônio cultural imaterial baiano. Elas detêm, transmitem e socializam conhecimentos tradicionais do fazer com as mãos, transmitidos por sucessivas gerações. São saberes trançados em práticas de educação ambiental não formal, não sistematizadas, mas com forte poder transformador de transmitir saberes ancestrais, como o respeito às questões ambientais (Sales, 2020)

Apesar de ser uma atividade secular que tem buscado se adaptar às transformações do lugar, esta se encontra em risco que decorre de mudanças bem mais abruptas nos espaços de ação das artesãs. Para entender esse processo, a pesquisa se vale de uma metodologia ampla: pesquisa bibliográfica e de campo, visitas *in loco*, observação direta e participante, entrevista semiestruturada e registro de imagens. Caracteriza-se, portanto, como uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva, com estudo de caso realizado na Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), que atualmente conta com 16 artesãs em atividade.

Para Patton (2002), o estudo de caso reúne informações sobre determinado fenômeno, de forma detalhada e sistemática, e permite evidenciar o entendimento e representatividade do objeto, centrando a sua dinâmica na compreensão do contexto real (EISENHARDT, 1989). Para Gil (2007), o estudo de caso é caracterizado por um estudo profundo e exaustivo, que permitirá amplo detalhamento e conhecimento.

As metodologias empregam orientações a respeito da revisão de literatura em artigos científicos, trabalhos acadêmicos e técnicos, acessados pelos bancos de dados do *Web of Science*, SciELO, Sistema Integrado de Bibliotecas da

Universidade de São Paulo (SIBi USP) e Google Acadêmico. A história oral foi praticada em acordo com BONI e QUARESMA (2005), a leitura da imagem fotográfica conforme Zanirato (2005) e a análise de conteúdo dos documentos oficiais fundada em Laurence Bardin (1977).

A Vila de Massarandupió

De acordo com o IBGE (2010), as principais atividades econômicas do município de Entre Rios são representadas pela pesca artesanal, mariscagem, agricultura e produção do artesanato. No entorno da Vila de Massarandupió é possível encontrar vilarejos históricos, empreendimentos turísticos e hoteleiros e um extenso litoral com quase 200 quilômetros de praias, que gera grande fluxo de turismo na região, atividades que também geram emprego e renda para os moradores da Vila.

A escolha do município como área de estudo, especificamente a comunidade que habita a Vila de Massarandupió, se deve aos conflitos territoriais e ambientais que envolvem essa população.

A Vila é uma comunidade às vezes esquecida pelo poder público, com deficiência de serviços básicos e essenciais como o acesso universal à saúde, educação e saneamento básico. A pacata região, de hábitos simples, pode ser observar na Figura 1, que traz em primeiro plano uma artesã no trabalho. As ruas de terra e com amplas áreas verdes são palco para a montagem da estrutura de produção, exposição e comercialização do artesanato, que também pode ser encontrado na sede da Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM). A tranquilidade observada só é interrompida pela presença de turistas – potenciais consumidores –, que frequentam a praia naturista da Vila.

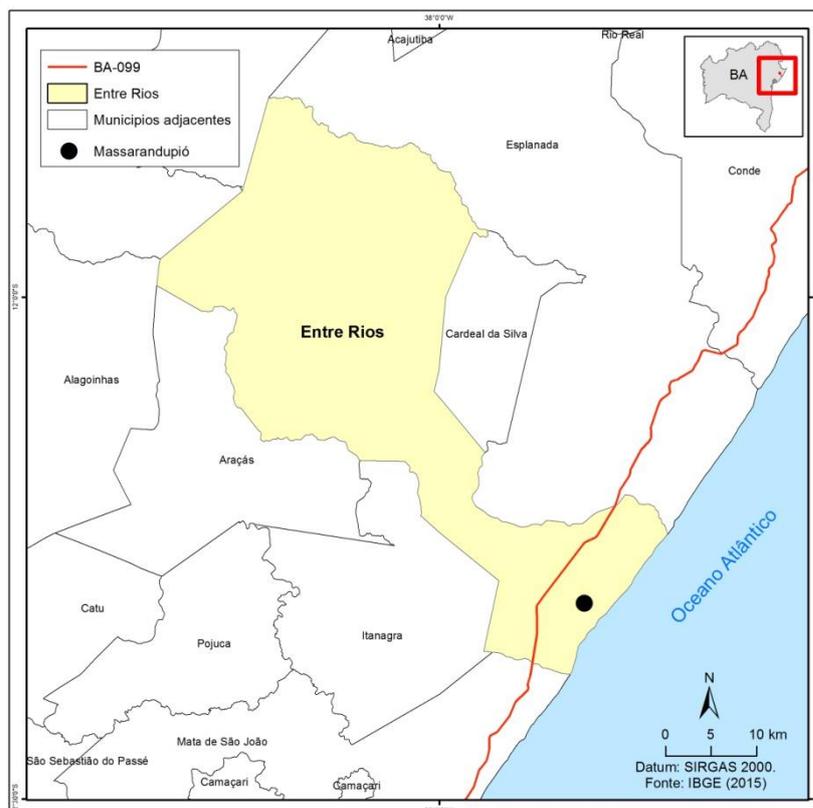
Figura 1 – Entrada da Vila de Massarandupió, no município de Entre Rios (BA)



Fonte: autoria própria (2021)

A Vila é acessível pela rodovia BA-099, Km 88, na região costeira do município de Entre Rios, no Litoral Norte da Bahia, e fica a aproximadamente 120 quilômetros de distância da capital, Salvador. Atualmente conta com uma população estimada de 600 habitantes, segundo dados da última contagem (SOUZA, 2011).

Figura 2 – Mapa da área de estudo, com destaque para a comunidade de Massarandupió (BA)



Fonte: Marcos Paulo Sales e Luis Paixão (2020)

O bioma predominante é a Mata Atlântica onde se veem também vegetação de restingas, coqueirais, dunas, áreas úmidas (brejos e lagoas) e manguezais. Na Figura 3, pode-se observar em primeiro plano os coqueirais, no segundo plano um dos tantos rios que serpenteia a região para desaguar no mar, e ao fundo, as elevações que correspondem às dunas e às vegetações de restingas.

Figura 3 – Os coqueirais da Vila de Massarandupió (BA)



Fonte: Autoria própria (2020)

Relatos de moradores nativos, transmitidos por gerações, dão conta do surgimento da Vila, habitada no passado pelos índios Tupinambá, que dá nome e homenageia o artesanato produzido na comunidade. Estes relatos falam da abundância de uma árvore da região, a maçaranduba (do tupi, *maçarandyba*), utilizada na mata para rolar outras árvores. A maçaranduba é conhecida por produzir um fruto amarelo, pequeno e geralmente doce. Diferente do habitual, os frutos da região possuíam sabor amargo, o que levou os moradores do início a associar os frutos da maçaranduba a um sabor pior, originando daí o nome da Vila: Massarandupió.

O conhecimento biodiverso e o artesanato local

As áreas de ocorrência natural da piaçava ao longo do litoral norte da Bahia hoje são propriedade de produtores rurais, redes turísticas e empresas; há também a plantação em terras indígenas demarcadas ou em processo de

demarcação ou em terras pertencentes aos quilombos certificados pela Fundação Cultural Palmares – FCP (PIMENTEL, 2015). Os artesãos extraem a piaçava se valendo de práticas empíricas de manejo tradicional e esse manejo consiste, segundo Barreto (2009), em

retirar a fibra de ano em ano, a fim de possibilitar a formação de fibras mais longas e de melhor valor comercial, fazendo com que as artesãs colham a palha em diversos pontos do piaçaval. A época considerada como mais apropriada para a colheita é no período de maio a setembro, uma vez que nos meses mais quentes as fibras ficam menos flexíveis (BARRETO, 2009, p. 88).

Esse manejo exige um conhecimento aprofundado do ciclo das palmeiras, de sua reprodução e de emprego de um calendário que permita a retirada das fibras sem comprometer a capacidade de recuperação da planta. Isso se deve a um conhecimento adquirido pela tradição herdada e que possibilita o uso sustentado do ecossistema.

Constata-se, então, que o artesanato de Massarandupió se insere nos ciclos naturais renováveis e se configura como um modo de vida associado ao ambiente. Ele é, prioritariamente, produzido por mulheres. Os homens, quando inseridos no contexto produtivo, aparecem como extrativistas, ou quando comercializam a matéria-prima utilizada no artesanato, sobretudo para as artesãs mais idosas e que já não têm condições de coletar a piaçava nas matas do entorno da Vila.

Em décadas anteriores, foram realizados programas de qualificação profissional em parceria com órgãos públicos e organizações não governamentais (ONGs), que visavam a elevar a qualidade dos produtos e permitir o acesso das artesãs associadas a novos mercados consumidores, como os complexos hoteleiros da região. Atualmente não há mais nenhuma iniciativa nesse sentido em curso.

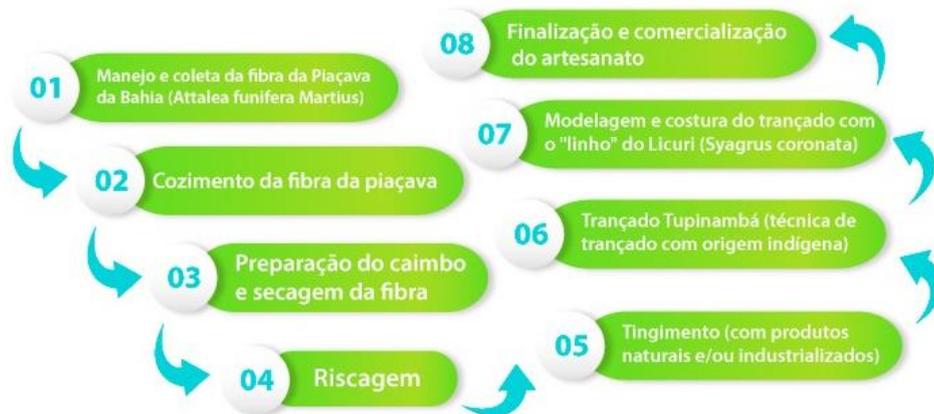
O artesanato é conhecido como Trançado Tupinambá. A técnica é única no mundo e representa uma característica marcante da região onde está inserida a Vila de Massarandupió. A matéria-prima utilizada para a confecção dos artefatos é a Piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*), produto natural mais utilizado para dar formas diversas ao trançado.

O processo de produção que dá origem ao produto final do artesanato é composto por oito etapas, que vai desde a coleta da matéria-prima, a fibra da piaçava e o seu beneficiamento, até chegar à comercialização do produto final.

Como identificado por Barreto (2009, p. 90), "o trabalho começa com a saída das artesãs em direção ao local da colheita, bem no início da manhã, quando o sol está fraco, ou no final da tarde. O percurso até o piaçaval geralmente é feito a pé, em grupos de três ou mais artesãs".

Durante a pesquisa, a partir das entrevistas realizadas com as artesãs, pudemos ver as oito etapas do processo de produção do artesanato, descritas abaixo (Figura 4).

Figura 4 – Processo de produção do trançado Tupinambá



Fonte: autoria própria (2021)

Melhor explicando essas etapas:

1) O início se dá a partir da coleta e manejo da principal matéria-prima, a fibra da piaçava da Bahia, recolhida na mata, nas proximidades da Vila, pelas próprias artesãs. Também pode ser comprada de extrativistas locais, em feixes, prática adotada, sobretudo, pelas artesãs de maior idade, que evitam entrar na mata seja pelas limitações da idade, ou por problemas de saúde.

2) Em seguida a qualidade e espessura das fibras são analisadas pelas artesãs; são então agrupadas, enroladas e cozidas em fogões de lenha, processo que deixa a fibra maleável. O procedimento dura cerca de uma hora e é realizado no próprio quintal de casa, ou na sede da associação, que dispõe de estrutura física para as associadas.

3) A etapa seguinte consiste na preparação do "cãimbo", quando as fibras, após passarem pelo processo de cozimento, são enroladas e postas para secar ao sol. Nos dias quentes ficam prontas após dois ou três dias de secagem. Já nos dias mais frios, nublados ou chuvosos, demora um pouco mais e corre-se o risco das fibras serem inutilizadas pela umidade.

4) A riscagem é um processo manual, quando as fibras são cortadas em pequenas tiras, todas com largura e espessuras uniformes. Esta é uma etapa que merece toda a atenção, pois a diferença na largura e espessura pode ter reflexo direto na qualidade do artesanato.

5) Passo seguinte, chega o momento do tingimento da fibra. Nessa etapa são utilizados produtos naturais (como o urucum, lama do mangue, entre outros), ou são utilizados corantes artificiais (anilina de cores variadas, para atender ao apelo estético dos consumidores), adquiridos no pequeno comércio da Vila.

6) Após concluídas essas cinco etapas é que o trançado Tupinambá começa a ganhar a forma que vai aplicar aos vários produtos que depois serão comercializados. Essa também é uma etapa que estimula a socialização entre as artesãs, que se agrupam para trançar, conversar e contar histórias.

7) Com o trançado básico concluído, tem-se início a modelagem e a costura da peça, que é feita com o “linho” do Licuri (*Syagrus coronata*). O resultado final se vê nos produtos como bolsas, sacolas, bocapius, chapéus, porta-guardanapos ou outros, que se voltam para a representação simbólica e iconográfica da natureza, como flores e animais endêmicos, a exemplo a flor de cactos, tartarugas marinhas, cobras, cágados e jabutis. Em todas essas representações fica evidente a relação das artesãs com a natureza.

8) A última etapa desse processo produtivo é a comercialização dos artefatos, que pode ocorrer tanto na sede da ADAM, quanto na própria residência das artesãs, que funciona também como ateliê e ponto de venda.

A influência do turismo na região interferiu na produção local a partir da pressão mercadológica e fez com que “[...] a atividade, que antes tinha lugar garantido na ludicidade, ganhou o estatus de fonte de renda” (MATTEDI, 2002, p. 87). Os produtos se adaptaram a esse novo mercado incorporando adereços, mobiliários, vestimentas, peças decorativas e funcionais, entre outras.

As etapas de produção do artesanato Tupinambá descritas acima podem ser observadas nas imagens abaixo (Figura 5).

Figura 5 – Etapas de produção do artesanato Tupinambá



Fonte: autoria própria (2021)

As artesãs de Massarandupió

A história da produção do artesanato em Massarandupió pode ser melhor compreendida a partir da fala de uma das artesãs:

Quando eu era menina, a gente passava o ano fazendo artesanato pra conseguir dinheiro para duas festas: Natal e São João. A gente fazia três tipos: chapéu, esteira e bocapiu, e só tinha uma cor, a cor natural. A gente fazia e o pai ia vender longe esse artesanato, de comboio, uns três dias de viagem. Lá, na feira de Alagoinhas, tinha um rapaz certo que comprava o artesanato. E a gente ia a pé! Arrumava tudo no lombo do jegue, levava água e comida e às vezes a gente também dormia na estrada, e voltava com um dinheirinho pras festas, pra comprar farda, essas coisas.

A fala demonstra o saber recebido dos pais e avós, que começou ainda na infância. As artesãs hoje têm, em sua maioria, idade que varia entre os 61 e 70 anos (37,5%). As mulheres com mais de 71 anos perfazem 18,75%. Numa proporção menor, estão as artesãs na faixa etária entre os 26 e 30; 41 e 50 e 51 a 60 anos de idade, com 6,2% cada. Na faixa entre os 31 e 40 anos estão outras 25%.

Ha uma ausência de mulheres com idade até 25 anos nesse ofício e isso se deve ao fato de que as mais jovens preferem atuar em outros ramos de atividade, sejam eles formais ou informais, como nos empreendimentos turísticos e hoteleiros da região e nas casas de veraneio.

As artesãs explicam que seu fazer é difícil, sobretudo para pessoas mais idosas:

O artesanato para mim é a minha fonte de renda, é a minha vida. Como você acompanhou a gente lá na mata, não é um trabalho, digamos, fácil. Não! Eu trabalhei muitos anos na agricultura e depois voltei pro artesanato, que é o que eu gosto. [...] eu ainda vou na mata pegar piaçava, mas tem artesã que não aguenta mais pela idade, e compra os feixes na mão do rapaz. [...] E posso falar que hoje é melhor do que antigamente, quando a gente não tinha a associação, né?

O nível de ocupação é maior entre as mulheres com mais de 61 anos de idade. Nessa faixa etária, elas são, em sua maioria, aposentadas e as que ainda não conseguiram o benefício da aposentadoria atuam em outras atividades para complementar a renda familiar, como em serviços domésticos, na agricultura ou na coleta e comercialização de frutas da estação, como a mangaba.

Percebe-se, assim, que já estão a ocorrer interrupções na transmissão do conhecimento às populações mais jovens, atraídas por trabalhos considerados menos difíceis, e associados aos diversos ramos vinculados ao turismo. Todavia, não é apenas esse fator que está pondo em risco a manutenção dos saberes e fazerem em torno à piaçava da Bahia.

Um saber em risco

O manejo da matéria-prima pelas artesãs ocorre de forma a minimizar os impactos ao meio ambiente, com a preocupação em não extrair mais do que a capacidade de reposição das palmeiras e não gerar pressão sobre as mesmas. Como diz um dos artesãos, entrevistado por Barreto: “Não se pode retirar a folha da mesma piaçava sempre, tem que esperar um tempo pra ela crescer e ter novas palhas, senão termina matando a piaçava” (2009, p. 89).

Ainda que haja essa preocupação, a continuidade da atividade encontra-se em risco em face de ações que estão a ocorrer em Massandupió e que remetem ao avanço da silvicultura e da urbanização nos espaços que ainda abrigam formações vegetais que fornecem as fibras para o artesanato praticado.

Dados apresentados por Maia e Santos (2009) mostram que entre 1991 e maio de 2008, a Costa dos Coqueiros, onde está situado o município de Entre Rios, recebeu mais de 1.500 empreendimentos turísticos e hoteleiros. Foram residências turísticas e de serviços, campos de golfe, áreas de serviços, esporte e lazer à beira mar, que retiraram a vegetação de restinga, tornando a situação crítica para a conservação da biodiversidade no Litoral Norte.

A silvicultura, por sua vez, teve expansão primeiramente no litoral norte, na década de 1970. A plantação gera produtos madeireiros e papel, celulose e carvão vegetal. A produção “evidencia o seu caráter excludente quanto ao domínio territorial das famílias de camponeses, historicamente estabelecidas no Estado da Bahia” (ANDRDE e OLIVEIRA, 2016, p. 322).

Segundo o Instituto do Meio Ambiente da Bahia (Inema, 2021), os principais problemas na região que abriga a APA Litoral Norte são a ocupação desordenada do solo, o avanço da plantação de pinus e eucalipto, a intensificação da pecuária e da pesca predatória, a degradação dos manguezais e o turismo que tem levado a diversos loteamentos ao longo de toda a costa.

O avanço dos condomínios e loteamentos sobre os brejos, mangues e dunas costeiras não só deteriora os ecossistemas ao aterrar lagoas, erradicar a vegetação originária, extrair areia para a construção civil, despejar lixo e entulho nas áreas circunvizinhas, contaminar os lençóis freáticos, como também contribui para acabar com os tradicionais meios de subsistência da população local. (LIMONAD, 2007, p. 9).

Essas ações estão a diminuir as matas no Litoral Norte da Bahia e, com elas, as piaçaveiras. Essa diminuição é uma preocupação constante na fala das artesãs que dizem o quanto tem tornado a coleta difícil e escassa nos limites da Vila. Parte das palmeiras que ainda resta está em áreas privadas, onde são impedidas de entrar, situação que gera tensões e conflitos. Quando o acesso é permitido, este se dá por acordos verbais com os proprietários de terras para acessar as palmeiras e realizar a coleta da piaçava. Segundo as artesãs, caso medidas emergenciais não sejam adotadas, a escassez da matéria-prima inviabilizará a tradição do artesanato em médio ou longo prazo.

Sobre a diminuição na oferta da piaçava na região, pudemos confirmar a situação relatada *in loco*. Percorremos cerca de 12 quilômetros de carro do centro da Vila até o local mais próximo de coleta. No passado, como dizem as artesãs, esse percurso era realizado a pé, dentro dos limites da Vila:

Antes a gente não andava muito pra pegar a piaçava pra fazer o artesanato, sabe? Tudo era aqui em Massarandupió, a piaçava, o licuri, a tintura pra tingir a palha. Hoje não tem mais piaçava que preste aqui por perto e a gente tem que andar muito pra conseguir uma boa, com qualidade pra fazer o artesanato. Quem não consegue, compra, mas aí diminui o lucro, que já é pouco e as pessoas não valorizam muito. Na verdade, muita área daqui já foi desmatada pelo eucalipto, que acaba com tudo.

A fala da artesã traz uma série de problemas que afligem a coleta da matéria prima: o desmatamento para o plantio do eucalipto, a distância cada vez maior do centro da Vila às áreas onde ainda estão as piaçaveiras, as dificuldades decorrentes do desmatamento em conseguir outros produtos naturais empregados no artesanato, como o licurí e a ação de intermediários na coleta da fibra, fatores esses que diminuem o lucro e desmotivam a prática.

A pesquisa permite entender as ameaças à continuidade da produção do artesanato, verificada tanto nos relatos das artesãs, como no próprio campo. O principal motivo, segundo as falas das artesãs, diz respeito ao desmatamento que tem ocorrido na região sobretudo para o plantio de eucalipto, seguido ainda pela privatização de áreas verdes que antes eram comuns, assim como pelo avanço da urbanização e os empreendimentos do turismo a ela associados. Estes fatores ocasionam, de forma considerável, uma queda na oferta da matéria-prima e na produção artesanal em Massarandupió.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em desenvolvimento está a demonstrar os problemas advindos da ocupação da região costeira do Litoral Norte da Bahia, particularmente no entorno da Vila de Massarandupió.

Em que pese a área de estudo estar dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA), que tem como premissa o ordenamento ecológico-econômico da porção litorânea dos municípios em seu entorno, os diversos impactos locais advindos das novas formas de uso e ocupação do solo na região têm resultado em mudanças substanciais, com comprometimentos ambientais e sociais.

Entre os comprometimentos está o relacionado ao desmatamento que envolve diretamente os saberes e práticas artesanais a partir da extração e manuseio da piaçava, um saber aprendido e transmitido de geração a geração.

A continuidade do saber geracional aprendido e transmitido requer ações capazes de reduzir os riscos que a ele se apresentam e que comprometem não só esse conhecimento, como a manutenção dos bens naturais biodiversos.

O agravamento do problema aponta como solução passível de resolver o problema e assegurar o direito à terra para as comunidades tradicionais, por meio da criação e efetiva fiscalização de reservas extrativistas, pensadas como propriedades de uso coletivo, capazes de garantir o acesso das comunidades de artesãos aos

bens naturais de uso comum. As comunidades tradicionais que vivem do artesanato e seus modos de vida e saberes devem ser preservados, assim como os ecossistemas por elas utilizados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maicon L. de e OIVEIRA, Gilca G. de. Monocultura do eucalipto na Bahia: um retrato da apropriação privada da natureza. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 237, p. 294-326, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, R. O. Técnicas de manejo e sustentabilidade da palmeira *Attalea funifera Martius* – piaçava da Bahia: estudo de caso em Massarandupió, Litoral Norte – Bahia. **Candombá – Revista Virtual**, v. 5, n. 2, p. 80-97, jul – dez 2009.

BONI, Valdete. e QUARESMA, Silvia. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

DIEGUES. A C et al. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. M M A, COBIO, NUPAUB- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 2000.

EISENHARDT, K. M. **Building theories from case study research**. Academy of Management Review, v.14, n.4, pp. 532-550, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

IBGE. **Entre Rios**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/entre-rios/panorama>. Acesso em: 29 jun. 2021.

INEMA. **Unidades de Conservação**. Apresenta informações básicas sobre todas as unidades de conservação da Bahia. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-litoral-norte-do-estado-da-bahia/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

LIMONAD, Ester. O fio da meada. Desafios ao planejamento e à preservação ambiental na Costa dos Coqueiros (Bahia). **Scripta Nova**. Número extraordinario dedicado al IX Coloquio de Geocritica, 2007.

MAIA, Margareth P. e SANTOS, Sidnei S. Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade no Litoral Norte da Bahia –Importância, Ameaças e Estratégias de Conservação. **CEAMA**, 2009. Disponível em http://www.ceama.mpba.mp.br/2013-03-15-18-55-53/doc_view/1324-conservacao-e-uso-sustentavel-da-biodiversidade-no-litoral-norte-da-bahia-importancia-ameacas-e-e.html.

MATTEDI, M. R. M. **Pesquisa e planejamento ambiental no Litoral Norte da Bahia**. Gestão e Planejamento, Salvador, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2001a. Disponível em: <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/147/149>. Acesso em: 17 jul. 2021.

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**. 3. Ed. Thousand Oaks, California: Sage, 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FjBw2oi8El4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=triangulation&f=false. Acesso em: 28 jul. 2021.

PIMENTEL, NOARA M. Uso Tradicional, Manejo e Processamento da Piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Mart.). **Tese de Doutorado em Ciência Florestal, UNB**, – Brasília, 2015. 210 f.

SALES, Marcos Paulo; de Moura, Geraldo Jorge Barbosa. **Conhecimento Tradicional e Artesanato: Trançado de Piaçava, Respeito à Natureza e Educação Ambiental em Massarandupió (BA)**. In: III Congresso Internacional Ibero-Americano de Bioética, IX Congresso de Humanização e Bioética e Simpósio de Educação e Bioética da Sociedade Brasileira de Bioética Regional Paraná, 2020, Curitiba/PR. Anais 3ª edição ISSN 2316-1140. Curitiba/PR, 2020. p. 74-74.

SOUZA, M. D. L.C; GERMANI, GUIOMAR INEZ; SOUZA, E. R. L. D. C. **Conflitos de interesses na produção do espaço na área costeira do Litoral Norte da Bahia**. Anais do Iº Seminário Espaços Costeiros 2011 – IGEO/UFBA – Salvador, Bahia. Disponível em: https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_souzagermani_producaoespacolitoralnorte.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

TINÔCO, M. S. **Restinga: A Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia**. 1. ed. São Paulo: Barro de Chão, 2019. 367p .

UNESCO. **Relatório da ONU mostra que 1 milhão de espécies de animais e plantas enfrentam risco de extinção**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/relatorio-da-onu-mostra-que-1-milhao-de-especies-de-animais-e-plantas-enfrentam-risco-de-extincao/>. Acesso em: 30 de jun. de 2021.

ZANIRATO, Silvia H. A fotografia de imprensa: modos de ler. In: PELEGRINI, Sandra & ZANIRATO, Silvia H. **Dimensões da imagem**. Maringá: EDUEM, 2005, p. 15-37.